

CARTAS POLITICAS A UM OPERARIO

Raul PILLA

157 95 (Copyright dos "Diários Associados")

XIV — Creio haver-te exuberantemente demonstrado, Antônio, nada deveres ao sr. Getúlio Vargas e, pelo contrário, muito estares a haver dêle, pelo muitíssimo que te subtraíu.

Vinte anos antes da revolução que o levou ao poder (vinte anos, Antônio!) começou a elaborar-se a legislação social em nosso país. Esta marcha não se deteve nunca, era necessária e fatal. Poderia desenvolver-se com maior ou menor rapidez, mas teria de fazer-se. Era um imperativo de ordem internacional, um solene compromisso assumido pelo nosso país no seio da Liga das Nações. Poderíamos ficar na retaguarda do cortejo, mas, de toda forma teríamos de andar. E andámos efetivamente, como deixinostrei na minha primeira carta, citando-te leis e datas.

Verdade é que, depois de 1930, houve um salto nesta evolução. Foi êle obra pessoal do sr. Getúlio Vargas? Não: simples consequência da revolução, que, rompendo as resistências políticas, permitiu tomassem as reformas sociais um ritmo mais rápido. A revolução, pois, aos homens que a promoveram, devêras dispensar a gratidão que, ao parecer, te incha o coração. E, se nalgum dêles quisêsses com justiça concentrar o teu sentimento, no sr. Lindolfo Collor, e não no sr. Getúlio Vargas, te caberia fazê-lo, pois aquele foi quem instou pela criação do Ministério do Trabalho e, como ministro, foi arrancando as reformas à relutância dêste. Entretanto, o nome do grande ministro foi deliberadamente esquecido e apagado, para que só avultasse o do insigne oportunista e demagogo.

Nada deves, pois, ao Ditador. Nada lhe deverias, ainda quando a legislação social com que se enfeita, fôsse mérito seu exclusivo, porque muito mais te subtraíu êle, reduzindo-te à servidão política e à miseria econômica, nêstes quinze anos de governo pessoal.

Mas, como há muita gente telmosa, de cuja cabeça é inútil tentar arrancar a idéia, ali metida por oito anos de propaganda exclusiva e contumaz, que tudo deve o trabalhador ao sr. Getúlio Vargas e foi êste a única pessoa a preocupar-se, neste país, com a classe proletária, vou conceder, Antônio, por alguns momentos, seja esta a verdade.

Seria isto motivo para que, levado por um exagerado sentimento de gratidão, tudo lhe sacrificasses? Seria lícito esqueceres, por tal sentimento pessoal, os teus deveres para com a nação, da qual também és parte? Recebeste benefícios do Ditador, concedo para argumentar. Concedo ainda que sejam grandes êstes benefícios. Poderias, por isto, empenhar-lhe a tua consciência e a tua liberdade. A liberdade e a consciência dos teus e dos teus cidadãos? Porque te deu uma legislação do trabalho, deverás ficar-lhe prostrado, na posição de escravo submisso e reverente? A proteção do trabalhador excluirá neste o cidadão, consciênte não só dos seus interesses, mas também dos seus deveres?

Imagina, Antônio, que alguém, mostrando-se-te amigo, te propiciasse melhores condições de vida, te arranjasse melhor emprego. Que dirias, melhor, que farias, se alegando o benefício, te exigisse êle, em paga, o sacrifício do bem-estar e da própria honra da tua família?

Pois isto é, Antônio, o que, em termos incômparavelmente maiores, te está exigindo o Ditador. Porque se diz teu protetor, pretende que lhe sacrifiques a liberdade, a prosperidade e até o bom nome da Nação, que é como a família de todos nós, e em cujo seio não podemos viver bem, se elle vive mal.

E' o que já percebeste. Que te adiantam o salário mínimo, as aposentadorias e pensões, se, por causa da inflação e dos desregramentos administrativos, vives em maiores dificuldades do que antes e as pensões são insuficientes para preservar a tua família da miséria?

Para resumir em poucas palavras tudo, Antônio, dir-te-ei que a Ditadura te deu nada ou muito pouco e, em troca, te exige tudo. Será benfeitor, ou explorador quem assim procede?